

Evento: XVIII Jornada de Extensão

**ENTRE CORTES E AMARRAÇÕES: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS
SOBRE AUTOMUTILAÇÃO/CUTTING NA ADOLESCÊNCIA¹
BETWEEN CUTS AND MOORINGS: PSYCHOANALYTIC CONSIDERATIONS
ABOUT SELF-MUTILATION/CUTTING IN ADOLESCENCE**

Geovana Da Silva Ferreira², Marcele Teixeira Homrich Ravasio³

¹ Resumo de Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia, do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUI

² Psicóloga, Egressa do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, geovana_sf@hotmail.com

³ Psicóloga, Orientadora, Professora Doutora do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUI, marcele.ravasio@iffarroupilha.edu.br

INTRODUÇÃO

Na sociedade ocidental contemporânea, uma forma específica de marcar o corpo tem se manifestado de forma cada vez mais frequente entre meninas adolescentes: a automutilação/*cutting*. Chamamos de automutilação/*cutting* a prática de autoprovocar-se cortes na pele de forma intencional, que para algumas adolescentes torna-se uma compulsão, sendo que recorrem aos cortes na pele como um alívio frente a situações de angústia.

Podemos encontrar relatos sobre esses casos a partir de escolas, casos clínicos, *blogs* e redes sociais, de forma que o aumento desses casos nos leva a questionar qual a significação dessas práticas, uma vez que se apresentam como comportamentos enigmáticos que convocam a possibilidade de interpretação. Nesse sentido, ao considerar as possibilidades de interpretação, considera-se também a importância da investigação desse tema para a psicologia, visto que a ampliação da compreensão sobre a automutilação/*cutting* irá contribuir para sustentar uma escuta clínica dessas adolescentes.

A automutilação/*cutting* foi abordada neste trabalho do ponto de vista da psicologia clínica, tendo o referencial psicanalítico como subsídio para a análise do tema. Nesse sentido, partimos da seguinte questão de investigação: qual é a função psíquica das práticas de automutilação/*cutting* entre as adolescentes, e a que problemática subjetiva elas viriam a responder? Como hipótese fundamental, os autores consideram que essa prática vem dar conta de algo que se encontra problematizado, tomando como referência os relatos que definem os cortes como um alívio da angústia. Ao analisar as interrogações que surgem a partir dos casos de automutilação/*cutting*, propomos abordar primeiramente questões mais amplas, tais como o tema da adolescência e o das marcas corporais, de forma a ampliar e abranger os diversos entrelaçamentos teóricos possíveis de serem feitos com o tema principal. Ainda, considerando que os estudos recentes acerca do tema da automutilação/*cutting* apontam que a incidência desses casos é, em sua grande maioria, entre meninas com idades a partir de doze anos, abrem-se duas vertentes analisadas mais detalhadamente: o corpo na adolescência e o feminino, trazendo algumas considerações psicanalíticas acerca desses aspectos, relacionando-os com as possibilidades de interpretação e elaboração do ato de cortar-se.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

METODOLOGIA

A metodologia desta investigação é uma pesquisa bibliográfica. Enquanto aspecto da psicologia clínica, o tema foi consultado em artigos e obras recentes, tomando como base os autores que têm se dedicado a compreender as práticas de automutilação/*cutting* na contemporaneidade, tais como Costa (2012-2013, 2015) e Jatobá (2010). A fundamentação teórica priorizada é a psicanálise, de forma a aprofundar as possibilidades de compreensão e de trabalho na clínica em relação ao tema da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos encontrar diversas definições acerca da adolescência, que se diferem conforme a perspectiva teórica em que estão inseridas. Do ponto de vista da teoria psicanalítica, a definição de adolescência deve considerar que o objeto de estudo da psicanálise é o sujeito do inconsciente, aquele que deve ser compreendido pelos tempos de constituição psíquica, mais do que pelas idades cronológicas. Sendo assim, o que vai orientar as interpretações na perspectiva psicanalítica não é o visível da puberdade, mas sim o que se passa em nível de trabalho psíquico, a partir da forma que o sujeito adolescente irá encontrar para lidar com a crise subjetiva que marca esse momento da vida. Compreendemos então a adolescência enquanto um momento psíquico complexo, uma passagem que coloca em questão a constituição psíquica e a possibilidade de o sujeito posicionar-se em relação a seu desejo e ao seu lugar no social (RASSIAL, 1999).

As consequências das operações subjetivas que ocorrem nessa passagem terão efeitos durante toda a vida do sujeito. Trata-se de um momento de importantes modificações, que caracterizam crises e que levam o sujeito adolescente a buscar recursos que permitam aliviar ou amenizar a angústia, que invariavelmente acompanha as transições da adolescência. A angústia é entendida aqui de acordo com as concepções formuladas por Lacan (2005), como um afeto estrutural, que aparece em momentos extremos, nos quais algo de irrepresentável se apresenta e provoca uma desorganização subjetiva. Esses momentos extremos, de irrupção da dimensão do real, estão muito presentes na adolescência.

Em relação ao uso de marcas corporais, presente em diversas culturas desde as mais antigas civilizações, verifica-se atualmente a grande presença da prática de marcar o corpo na adolescência (CORSO, 2012; COSTA, 2003). Segundo Costa (2003), marcas corporais tais como tatuagens, *piercings* e escarificações são formas da fazer bordas, de situar as fronteiras corporais. Essas bordas são recortadas a partir do suporte do olhar do Outro, desde as constituições da imagem corporal, advinda do processo do estágio do espelho. São essas bordas corporais que constituem a relação do sujeito com o ambiente, com o outro semelhante e com a realidade.

Sobre a noção de corpo e imagem corporal, Costa (2004) coloca a adolescência como o momento em que se faz a passagem do corpo pulsional de representação infantil para um corpo pulsional

Evento: XVIII Jornada de Extensão

que incluía o exercício de uma posição sexuada. Momento que implica também numa passagem do olhar materno para o olhar do Outro sexo, o qual está relacionado com o desejo e erotização. Além disso, a redistribuição pulsional que ocorre na adolescência se coloca de forma diferenciada para a menina ou o menino, sendo que as problemáticas e angústias que podem ocorrer nesse momento também se apresentam com características específicas para cada um. Considerando que a prevalência da automutilação/*cutting* é entre meninas (COSTA, 2015; JATOBÁ, 2010), se faz necessário compreender as especificidades da constituição do corpo feminino na adolescência.

A relação com o saber materno sobre o corpo vai se problematizar para a menina, uma vez que na adolescência esse saber vai ser novamente convocado, dessa vez para responder sobre a condição de ser mulher. Dessa forma, a separação da menina com a mãe, que começa a se desenrolar com o complexo de castração, ocorre num processo mais complexo do que com o menino. Segundo André (1998), essa complexidade se justifica pelo fato de haver aí um furo no saber materno, uma vez que não existe um significante que represente a mulher, tal como o falo vai representar a masculinidade na identificação do menino com o pai.

A sustentação de uma imagem corporal na ausência de uma operação simbólica produzirá angústia, e fará com que o sujeito busque recursos para amenizá-la. Por vezes, a dificuldade em lidar com essa nova imagem corporal produzirá atos sobre o corpo. As práticas de automutilação/*cutting* são exemplos desses atos dirigidos ao corpo como tentativa de amenizar uma angústia. A respeito dos atos que surgem frente à angústia, Lacan nos diz que: “Agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência de angústia” (LACAN, 1962-2005, p.88). A partir dessa premissa podemos pensar as práticas de automutilação/*cutting* como um *acting out*, que se configura como uma mensagem endereçada ao Outro, que demanda uma interpretação, tal como Lacan (1962-2005) afirmou que o *acting out* aparece como sendo uma “mostração” da ordem da evitação da angústia.

Em relação à angústia frente à dificuldade de separação da menina com a mãe, Costa afirma que “o corte compulsivo da pele faz referência a um objeto que não cai” (COSTA, 2015, p.116). Trata-se aqui dos objetos que pertencem ao corpo da mãe, sendo que os casos de automutilação/*cutting* apontam para as dificuldades de colocar limites na relação com a mãe, constituída como excesso. Os cortes se apresentam como tentativas de produzir bordas corporais na relação do eu com o Outro, mesmo que isso se apresente como uma agressividade ao próprio corpo. Além disso, tais casos também podem ser entendidos como uma tentativa reiterada de inscrição do traço unário sobre a pele, uma vez que os cortes aparecem como um recurso que essas adolescentes encontram para escrever no corpo isso que é impossível de simbolizar, como “uma busca do sujeito pela escrita de um ponto inapreensível” (COSTA, 2015, p.113). Ponto inapreensível esse que nos remete novamente à ausência de um significante da identidade feminina.

Para dar conta dessa ausência, é preciso constituir uma eficiência significativa que resulte na construção de um sintoma estrutural, um *sinthoma* tal como Lacan (1976-2007) formulou, que possa dar conta da castração. Ou seja, é preciso que se elaborem vias possíveis da substituição do *acting out* dos cortes por algo que seja da ordem de um *sinthoma*, que permita a amarração dos registros do real, simbólico e imaginário para a menina, sem a necessidade de ferir-se para aplacar a angústia.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por abordar o tema da automutilação/*cutting* sob o viés da teoria psicanalítica teve o objetivo não só de produção teórica do ponto de vista acadêmico, como também de ampliar os saberes necessários para a sustentação da prática de uma escuta clínica. Dessa forma, compreendemos questões fundamentais, de interesse daqueles que queiram avançar o entendimento tanto sobre a automutilação/*cutting*, como sobre alguns aspectos da adolescência, das marcas corporais em geral, da passagem adolescente feminina, e de conceitos psicanalíticos que se apresentam na escuta do sujeito psíquico.

A partir do referencial psicanalítico, consideramos a possibilidade de interpretação dos atos das adolescentes que autoprovoam-se cortes na pele. Compreendemos a complexidade da adolescência enquanto momento psíquico, de forma que as operações que se organizam nesse tempo são centrais na constituição da subjetividade, determinando a forma como sujeito irá se posicionar na sua relação com os outros e com os acontecimentos de sua vida daí para frente. Percebemos também que a imagem do corpo púbere convoca a necessidade de construir singularmente uma forma de simbolizar o real que irrompe na puberdade, de dar conta da angústia que acompanha as tentativas de apropriação da nova imagem, constituída com as modificações corporais. Para a menina, entendemos que esse processo de simbolização da imagem corporal encontra entraves, devido à ausência de um significante que represente a mulher.

Dessa forma, compreendemos a automutilação/*cutting* como um *acting out*, que sinaliza um fracasso na amarração dos registros do simbólico, imaginário e real, e vem dar conta da angústia que surge frente à dificuldade da menina em separar-se da mãe, e em constituir as bordas identificatórias de seu corpo próprio. Nesse sentido, o corte real sobre a pele faz suplência ao corte simbólico que ainda não se efetuou, ao significante paterno que ainda não se inscreveu. As cicatrizes aparecem como tentativas de reescrever repetidamente o traço unário, numa compulsão que visa a refazer constantemente as bordas corporais, a colocar limites entre o eu e o Outro.

É a partir da simbolização da castração e da escolha do *sinthoma*, que a adolescente poderá constituir amarrações simbólicas, as quais irão possibilitar uma posição na sexualização e em relação ao seu desejo, uma possibilidade de reposicionar-se frente ao Outro. Por fim, destacamos a importância da escuta clínica enquanto um dos suportes que podem contribuir para que a adolescente passe do ato à palavra, auxiliando na constituição das elaborações simbólicas necessárias.

Palavras-chave: Marcas Corporais; Feminino; Angústia; Adolescentes; Psicanálise.

Keywords: Body Brands; Feminine; Anguish; Adolescents; Psychoanalysis.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 295 p.

CORSO, Mário. Eu me inscrevo, me descrevo: escrevendo em mim. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Correio da APPOA**. Porto Alegre, n. 211, abr. 2012. p. 49-55.

COSTA, Ana. **Tatuagem e Marcas Corporais:** Atualizações do Sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 143 p.

_____. **Litorais da Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2015. 224 p.

_____. A transicionalidade na adolescência. In: COSTA, Ana et al. **Adolescência e experiências de borda**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 165-193.

_____. As práticas de furar o corpo e a mácula pubertária. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre:** O amor e a erótica, Porto Alegre, n. 43-44, jul. 2012 - jun. 2013. p. 97-104.

JATOBÁ, Maria Manoella Verde. **O ato de escarificar o corpo na adolescência:** uma abordagem psicanalítica. 2010. 93 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10:** A angústia (1962-1963). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 366 p. (Campo Freudiano no Brasil).

_____. **O Seminário, livro 23:** O sinthoma (1975-1976). Tradução Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 249 p. (Campo Freudiano no Brasil).

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Tradução Lêda Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 216 p.